



6 segredo das prateleiras altas

Quando Madalena era pequena, passava as manhãs de sábado na livraria do avô. Sentava-se sempre no mesmo banco de madeira, com as pernas a balançar, demasiado curtas para tocarem o chão. A loja cheirava a papel envelhecido, a verniz gasto e a uma coisa que ela não sabia nomear, mas a que agora chamaria simplesmente tempo.

As estantes iam até ao teto, repletas de livros de lombadas coloridas, e uma escada de ferro corria por um trilho ao longo da parede, pronta a ser empurrada sempre que era pedido um livro lá do alto.

Madalena olhava para cima com olhos espantados, como se aquelas prateleiras guardassem um outro mundo. Fazia jogos secretos: tentava adivinhar qual seria o próximo livro a ser escolhido, de onde viria, se seria leve como um sussurro ou espesso como um segredo antigo. Por vezes, dava por si a murmurar:



— O que haverá nos livros que os adultos leem?

O avô, com os seus óculos de aros grossos, ria-se por detrás da caixa.

— Talvez um dia descubras — dizia, colocando cuidadosamente um marcador numa das páginas que lia.

Ela não se aborrecia. Observava os clientes que entravam — uns apressados, outros calmos e de olhos atentos — e tentava imaginar, pelos vestuário ou pelo modo como falavam, que tipo de histórias procuravam.

Ficava sempre impressionada quando o avô subia a escada: parecia-lhe quase um rito solene, o de alguém que se prepara para resgatar uma estrela esquecida.

Em casa, os livros eram presença.

A mãe lia devagar, por vezes com o dedo a seguir as linhas, como quem costura um pensamento. O pai lia depressa, com o sobrolho franzido, em busca de respostas para as suas questões.

Por vezes, Madalena falava-lhes e eles não respondiam logo, como se demorassem um pouco a regressar de outro lugar.

Um dia, perguntou à mãe:

— Quando é que posso ir convosco para dentro dos livros?

A mãe sorriu e beijou-lhe o cabelo.

— Já estás a ir. Aos pouquinhos. As letras são como degraus. Vais ver.

Sentou-se ao lado da filha, abriu um volume ilustrado e começou a ler em voz alta.

Não era uma história cheia de ação, mas havia uma cadência nas palavras que a encantava. O pai fechou devagar o seu livro e veio sentar-se junto delas.

— Agora é a tua vez — disse, indicando uma palavra simples.

A menina hesitou, soletrou mal, gaguejou. Mas os pais não a corrigiram de imediato. Esperaram.

E, quando finalmente acertou, embora com esforço, aplaudiram com um sorriso cúmplice.

— É assim que se começa — disse o pai. — As histórias abrem-se para nós quando não desistimos.

Nos tempos que se seguiram, a leitura tornou-se um hábito a três. A mãe começou também a escrever pequenas frases em tiras de papel e a escondê-las pela casa, como pistas para a filha descobrir. Outras vezes, o pai criava jogos com letras, juntando palavras novas como quem inventa sabores. As noites eram feitas de páginas partilhadas, de gargalhadas e perguntas que não precisavam de respostas rápidas. As semanas foram passando entre silêncios atentos e páginas folheadas.

A leitura não surgiu de repente, como nos contos de fadas. Foi um encadeamento de dias com letras difíceis, sílabas tropeçadas e, por fim, frases que faziam sentido.

O avô ofereceu-lhe um livro com uma capa azul-escura, onde brilhavam umas letras prateadas já gastas pelo tempo. Era a história de uma menina que descobria um mundo escondido dentro de uma árvore.

— Este estava aqui à tua espera — disse, estendendo-lho como quem oferece uma bússola.

Madalena levou-o para casa e leu-o devagar, linha a linha, página a página. Quando chegou ao fim, pousou-o no regaço, em silêncio. Compreendeu os silêncios dos pais, o olhar por vezes absorto do avô, o gesto solene de quem sobe a escada. Dentro das páginas estava tudo: o riso, o medo, o mundo, e ela própria. Não era apenas uma história com personagens distantes. Era alguém que lhe sussurrava:

— Também estás aqui. Sempre estiveste!

Passaram-se livros e estações. Madalena foi crescendo entre aquelas estantes. O banco de madeira, que antes lhe deixava as pernas a balançar, foi ficando pequeno. Os jogos de adivinhação tornaram-se mais subtis: intuía agora não apenas o livro, mas a solidão por detrás de um pedido, a melancolia escondida num título, o desejo de reencontro em certos romances, e também a curiosidade inquieta de quem

procurava, nas páginas, outras vidas, outros mundos, outras maneiras de sentir.

O avô envelheceu, os óculos tornaram-se mais pesados no rosto, mas continuava a sorrir do mesmo modo quando a neta lhe perguntava:

— Que livro me aconselhas hoje?

Aos poucos, foi ela que começou a subir a escada, com a mesma solenidade que em tempos vira no avô. Sabia já onde moravam os livros que esperavam por leitores atentos. Trazia-os com cuidado, como se estivessem ainda a acordar.

Um dia, já quase adulta, ouviu a porta da livraria abrir-se com o som familiar do sino.

Uma menina entrou, de mão dada com o pai. Tinha um vestido aos quadrados e uns olhos muito abertos de espanto. Parou no centro da loja e olhou para cima, para as prateleiras mais altas, como quem vê o céu pela primeira vez. Madalena reconheceu esse gesto. Sorriu.

— Posso ajudar? — perguntou, vindo detrás da caixa.

A menina apontou para cima.

— O que há lá em cima?

Madalena olhou para o avô, agora sentado junto à montra, e depois para a menina.

— Histórias que esperam por ti.

E, pegando na escada com o mesmo cuidado de sempre, começou a subir.

Ao alcançar um dos degraus mais altos, como quem toca finalmente o céu da infância, sorriu com ternura.

“O que haverá nos livros?”, pensou.

E, com a certeza silenciosa de quem regressa sem nunca ter partido, respondeu para si mesma:

Judo.



O segredo das prateleiras altas

1. Descreve a livraria do avô de Madalena baseando-te na informação fornecida pelo texto.
2. Madalena fazia “jogos secretos” para se entreter. Quais?
3. “Em casa, os livros eram presença.” Como interpretas esta frase?
4. Que tipo de atividades criavam os pais para a ajudar a descobrir a leitura? Indica o parágrafo correspondente.
5. O que compreendeu a neta quando acabou de ler o livro especial que o avô lhe ofereceu? Assinala as frases relevantes.
6. À medida que foi crescendo, os “jogos de adivinhação” dela também mudaram. De que forma?
7. “Histórias que esperam por ti”: o que significa a resposta de Madalena à pergunta que a menina lhe faz sobre os livros?
8. “A magia da literatura consiste em tornar-nos mais fortes e melhores.”
 - a) Concordas com a afirmação da escritora espanhola Rosa Montero? Justifica.
 - b) Alguma vez leste um livro que te tivesse proporcionado uma descoberta importante? Se sim, refere qual e explica porquê.